



A Revista do Clube Naval inicia uma Seção de Entrevistas a partir desta edição. O primeiro entrevistado foi escolhido por unanimidade pelo Conselho Editorial e ratificado pela Diretoria. Falamos do Decano da Marinha do Brasil (MB), o verdadeiro Caverno Mestre da Oficialidade Naval, o qual dispensa qualquer apresentação. Trata-se do Almirante de Esquadra (Ref)

ALFREDO KARAM

**O que motivou o seu ingresso na Marinha?
Que lembranças ainda guarda da passagem pela
Escola Naval?**

– Nos idos de 1930, residíamos com meus avós maternos próximo à Igreja de São Francisco Xavier, onde, talvez, por ser minha família muito católica, tornei-me sacristão, assistindo ao pároco na celebração das missas, batizados e casamentos.

Em um determinado casamento, com a igreja repleta de pessoas convidadas, despontava junto aos noivos um senhor vestido com roupa parecida ou semelhante a um uniforme, pleno de dourados, emblemas reluzentes.

Terminada a cerimônia, no cortejo de saída, aquele mesmo senhor entregou-me algum dinheiro, parecendo-me uma gorjeta (na época era hábito gratificar o sacristão).

Impressionado com o que estava ocorrendo, solicitei ao Padre alguns esclarecimentos e soube então que se tratava de um oficial de Marinha junto aos noivos, representando o Presidente Getúlio Vargas na condição de padrinho (tratava-se do Capitão-Tenente Hernani do Amaral Peixoto, genro e Ajudante de Ordens do Presidente da República).

De regresso a nossa casa, vim recordando o belo uniforme pleno de dourados, bem como a significativa gorjeta que recebera, associação que me induziu rapidamente o desejo de ser oficial de Marinha. Em outras palavras posso afirmar que o meu estímulo para escolher a Marinha como carreira, não profissão, foi o Almirante, Senador, Embaixador Amaral Peixoto.

Referindo-me à Escola Naval, sinto muitas saudades do tempo de aspirante, quando aprendi os primeiros passos na Marinha. Na época, dediquei-me bastante aos esportes. Gostava muito das recreações. Mesmo não sendo um “cobra”, participei de algumas equipes. Trazem-me, repito, excelentes recordações, lembranças.

Quando ingressei na Escola Naval, tínhamos cinco



anos de formação. Com a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, o curso foi reduzido para quatro anos. As notícias sobre a guerra vinham pelo rádio e pelos jornais, não somente do continente europeu, mas também sobre o que ocorria no Atlântico, principalmente do Hemisfério Sul. O Brasil perdeu vários navios mercantes que foram torpedeados pelos submarinos alemães que operavam no Atlântico Sul, isto com a intenção de cortar o fluxo de nossas exportações e importações. O Presidente Getúlio Vargas assinou a declaração do Estado de Guerra e nós, Aspirantes, tivemos o currículo adiantado, conforme mencionei, com uma compressão das matérias, porém com o mesmo rigor que se adotava na época. Quando declarados guardas-marinha, uma semana depois, já éramos distribuídos pelos navios.

Sua primeira comissão como 2º Tenente foi a bordo de um Destroier-Escolta (DE *Bauru*) da Força Naval do Nordeste. Como aquelas tripulações enfrentaram o despreparo e cumpriram estoicamente com as suas tarefas?

– A situação dos nossos navios daquela época era muito precária. Possuíamos a Esquadra de 1910, constituída por dois Encouraçados, dois Cruzadores e dez Contratorpedeiros movidos a carvão e óleo, ou seja, muitos meios navais que não estavam modernizados, sendo que o Arsenal de Marinha construía seis Navios Mineiros da Classe *Carioca* e prosseguia na construção de Contratorpedeiros da Classe *Marcílio Dias*. Dois dos Navios Hidrográficos foram transformados em Corvetas (*Jaceguay* e *Rio Branco*), e seis navios de pesca confiscados foram também equipados e transformados em Corvetas. Além desses meios também tínhamos quatro submarinos. Em vista dessas deficiências, o MAP (*Mutual Assistance Program*) foi firmado em um tratado com os Estados Unidos da América. Em decorrência desse tratado foram cedidos 24 navios ao Brasil, sendo oito Caça-Submarinos com casco de ferro, oito Caça-Submarinos com casco de madeira e oito Destroieres-Escolta. Por outro lado, o Brasil concedia aos navios americanos que estavam operando no Atlântico Sul o apoio de nossas Bases em Natal, em Recife e em Salvador. A Escola Naval servia de apoio para algumas lanchas que foram confiscadas e armadas, com metralhadoras na proa e algumas bombas de profundidade. Com o recebimento daqueles meios, foram criadas duas Forças Navais: a Força Naval do Nordeste e a Força Naval do Sul. Os Encouraçados serviam como verdadeiras fortalezas flutuantes que deveriam estar prontas para

atuar em Salvador e em Recife.

Algum paralelo com os dias atuais? Quais alertas para a nova Oficialidade?

– Antigamente a Marinha do Brasil tinha um órgão centralizador – o EMA – que controlava e decidia por todas as suas atividades. Posteriormente, por volta dos idos de 1966/1967 foram criados os Órgãos de Direção Setorial (ODS). Por outro lado, com o aprendizado adquirido no período em que vivíamos em Estado de Guerra, foram adotados procedimentos mais atualizados, sobressaindo os relacionados com as Guerras antiaéreas, ou antissubmarino (com o ataque coordenado contra submarinos), dentre outros. A Escola de Guerra Naval (EGN) também sofreu uma boa transformação. Os Oficiais estudantes vêm sendo distribuídos em grupos para estudos, discussões e debates de assuntos julgados de maior interesse. Sem dúvidas, nossa EGN ministra ensinamento de alto nível, além de buscar constantemente a necessária atualização dos assuntos a serem aplicados nos diferentes cursos que vêm sendo realizados. No decorrer dos anos, tivemos nossos meios navais ampliados: dois Cruzadores, o *Barroso* e o *Tamandaré*, de procedência da *United States Navy* (USN), que participaram de campanhas no Atlântico e no Pacífico. Recebemos, ainda, da USN, 14 Contratorpedeiros das classes *Fletcher*, *Allen Summer* e *Gearing*. Tivemos também o Navio-Aeródromo *Minas Gerais*, de procedência inglesa, que passou por um período de reforma na Holanda, antes de chegar ao Brasil. Quatro Fragatas e três Submarinos foram construídos na Inglaterra. Na mesma época o AMRJ prosseguia na construção naval e toda essa evolução, inegavelmente, elevou o potencial de conhecimento dos Oficiais e Subalternos em serviço ativo.

Atualmente, a Estratégia Nacional de Defesa implica em um considerável aumento de meios para MB, acompanhado de um crescimento nos diferentes quadros de pessoal, expansão que, dentre outras, prevê também a formação de uma nova Esquadra com sede em nosso Litoral Norte. E os Aspirantes de hoje provavelmente irão embarcar nas futuras Unidades ou então servir em estabelecimentos ou em organizações que poderão estar dotados de equipamentos ou armamentos mais aperfeiçoados que os atualmente utilizados. O crescente avanço da tecnologia, com os meios flutuantes tornando-se plataformas cada vez mais sofisticadas, torna mandatário que os seus tripulantes tenham

sólida formação profissional. Mas é importante lembrar que os navios são tão bons quanto aqueles que os guarnecem, que os comandam, mas nunca melhores. Portanto, desde cedo, preparem-se para conduzi-los e empregá-los com a maior eficácia possível, reforçada com uma constante vibração, com um verdadeiro amor à Marinha.

O senhor comenta sobre uma Marinha de dissuasão para o Brasil. Existe uma concepção de Esquadra equilibrada para esse fim?

– Imagino que não precisamos de uma Marinha grande, e sim de uma Marinha de dissuasão, dotada dos meios modernamente equipados que sinalizem para um eventual agressor os riscos que ele correrá caso decida nos agredir.

Acredito mesmo que nossa Marinha tem condições de progredir, pois constantemente procuramos desenvolver novos conhecimentos, novas táticas, de modo a permitir que possamos guarnecer com eficácia os futuros meios flutuantes, Forças Navais que possam sobrevir. Torna-se necessário, ênfase, que os recursos orçamentários permitam o cumprimento das tarefas que dizem respeito aos nossos meios Navais, Aeronavais e de Fuzileiros Navais.

O senhor foi Ministro da Marinha ao final dos governos militares. Como foi assumir esse cargo de tamanha importância nesse período?

– Por ocasião da assunção do cargo de Ministro, eu ainda ressalto o quanto dou valor ao elemento mais significativo de qualquer Força Armada, em particular de nossa Marinha; falo de seus homens, cujo preparo e motivação considero os pilares em que se baseia toda a capacidade da instituição, para prosseguir e sustentar os seus objetivos. Então, dessa forma eu concitei aos meus companheiros, oficiais e subalternos, que permanecessem irmanados no cumprimento do dever; a lutarem pela profissionalização sempre crescente da nossa Armada; pela expansão da nossa presença nesse imenso mar territorial que nos toca defender e fazer frutificar; pela intensificação do aperfeiçoamento técnico em todos os escalões; pelo desdobramento de recursos materiais e espirituais que nos permitissem cumprir à risca tudo aquilo que nos coubesse realizar; pela abertura de nossas frentes de ação na costa marítima e nas vias fluviais; pela aproximação das populações; pelo aumento dos índices de construção naval militar, repito; pela defesa da nossa soberania na

vastíssima extensão do nosso litoral e dos nossos reais interesses no Atlântico Sul; pela promoção de novas tarefas, até mesmo em horizontes que se estendem além dos nossos pontos mais meridionais e vão até a região polar, a Antártica. Então, para resumir todas essas tarefas eu empreguei quatro palavras; sejam elas: unidade, fraternidade, trabalho e esforço patriótico. Foi isso que eu conclamei em linhas gerais. Eu não conheço melhor rota, porque nessa rota nós estaremos demandando juntos a objetivos que resultarão em marcas importantes de uma vida melhor, mais rica e mais forte para a sociedade brasileira, sendo prioritária para o desenvolvimento e para a segurança do nosso País. Foi assim que eu mandei a minha mensagem ao assumir o cargo de Ministro da Marinha.

Qual motivo levou o senhor a escolher ser submarinista e qual a opinião do senhor sobre o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB)?

– Fui presenciar, ainda como aluno do Colégio Militar, o lançamento de um navio no Arsenal de Marinha, um dos Classe *M*. Passeando pelo Arsenal, eu e um colega vimos, na doca 11 de Junho, alguns Submarinos atracados: *Humaitá*, *Tupi*, *Tamoio*, todos de origem italiana. Visitamos o Submarino *Tupi* (S-11) e *Humaitá* (H). Com um Suboficial que estava de serviço, muito gentil, percorremos os submarinos. Fiquei muito atento às complexas instalações e fazendo perguntas, ele as respondia conseguindo nos entusiasmar com o que estávamos presenciando. Tive a oportunidade de ler sobre a atuação de submarinos alemães na 1ª e na 2ª Guerras Mundiais, sobre as campanhas dos alemães no Atlântico Norte e Sul, e a campanha dos americanos no Pacífico. Acredito que essas visitas e leituras que mencionei, anos depois, levaram-me à decisão de



cursar a Especialidade de Submarinos.

Vejo o PROSUB com grande importância por duas razões: primeiro, porque neste contrato nós estamos recebendo os recursos visando à tecnologia para construção de um novo submarino, o segundo, porque é a nossa inclusão na área de propulsão nuclear. Quanto à construção, recebemos tecnologia transmitida pelos franceses aos nossos operários e engenheiros. É preciso que haja uma conscientização marítima no Brasil. Recordemos que, na época do Império, D. Pedro I estabeleceu uma contribuição popular para auxiliar na construção da nossa 1ª Esquadra e podemos afirmar que, na época, tivemos a segunda maior Esquadra do mundo. Hoje, infelizmente, ainda não temos a mentalidade marítima que gostaríamos de ter, mas continuaremos em busca dessa necessidade porque a Marinha do Brasil nunca faltou ao seu chamado, participou de todas as campanhas em que nos engajamos, consolidou a nossa Independência, participou na Guerra da Tríplice Aliança, bem como na Primeira Grande Guerra na costa noroeste da África e na Segunda Guerra Mundial com a Força Naval do Nordeste e a Força Naval do Sul. Assim sendo, deve ser respeitada e apoiada; e o nosso povo tem que reconhecer e engajar nessa conscientização.

Atualmente, o Submarino *Riachuelo* prossegue na realização de suas provas de mar, para posterior incorporação definitiva à nossa Esquadra, mostrando o sucesso do nosso Programa. Além do *Humaitá*, o segundo submarino da série SBR, bem como a interação das seções do Submarino *Tonelero* nas magníficas instalações do Complexo Naval de Itaguaí. É um momento especial para a Força de Submarinos, que está visualizando os novos meios, que certamente terão maior capacidade no desempenho de suas importantes tarefas.

Por fim, existe alguma sugestão para o aprimoramento do preparo dos futuros oficiais da Marinha? Que mensagem o senhor gostaria de passar às novas gerações de oficiais?

– Servir à Marinha significa, acima de tudo, servir aos interesses da Pátria. Afirmativa que se valoriza ainda mais com o vibrante juramento, pronunciado quando da incorporação diante de nossa Bandeira.

O orgulho de engajar na Marinha significa, sem dúvida alguma, orgulhar-se de uma Instituição que jamais faltou ao seu chamamento. Fosse para consolidar a nossa Independência, fosse para participar da Guerra da Tríplice Aliança, bem como da 1ª Grande Guerra, atuando nas águas, a noroeste do continente africano e ainda, na 2ª Guerra Mundial, na campanha que desenvolveu no Atlântico Sul.

É oportuno também ressaltar o apoio que, nos dias de hoje, os Distritos Navais vêm dispensando às populações carentes em suas áreas para combater ou minimizar os efeitos da atual crise consequente da pandemia, que ainda nos atinge. As tarefas que normalmente devem ser cumpridas pela Marinha, com maior ênfase na proteção das riquezas no mar de nossos interesses, deveriam provocar na população brasileira, notadamente nos Poderes maiores da República, a tão necessária conscientização marítima, que poderia trazer como consequência um apoio mais eficaz com maiores recursos para essa Força Armada.

Mas aguardamos com esperança que essa necessidade se concretize ao longo dos anos. Com o avanço da tecnologia os nossos meios navais flutuantes, aéreos e de fuzileiros tornam-se cada vez mais sofisticados e dessa forma seus tripulantes devem ter uma sólida formação profissional.

Assim sendo, aqueles que atualmente servem à Marinha devem preparar-se para conduzi-la com a maior eficácia possível, executando suas tarefas “A Todo Pano”, pois “com esta voga, chegarão lá”. ■

Submarino Riachuelo (S40)

